


ALÉM DOS NÚMEROS FRIOS: EXPLORANDO PERFIS EM CASOS DE FEMINICÍDIO NO MUNICÍPIO DE SÃO BORJA

MAS ALLÁ DE LOS NÚMEROS FRÍOS: EXPLORANDO PERFILES EN CASOS DE FEMINICIDIO EN EL MUNICIPIO DE SÃO BORJA

Recebido em: 16/04/2024

Aceito em: 30/06/2024

Maike Jorge Matos Mendes¹ 
Universidade Federal do Pampa

Jaqueline Carvalho Quadrado² 
Universidade Federal do Pampa

Resumo: Os feminicídios têm aumentado ao longo dos anos, representando perigo para milhões de mulheres. Apesar de muitas pesquisas terem sido conduzidas para entender o fenômeno, poucos estudos exploram o perfil das vítimas e, especialmente, dos perpetradores. Assim, diante de um aumento excepcional nos casos de feminicídios em 2021, no município de São Borja (RS), buscou-se examinar o perfil das vítimas e dos agressores com base em dados da 1ª Delegacia de Polícia Civil do município. Utilizamos o método bibliográfico e o estudo comparativo, visando encontrar regularidades entre os dados nacionais e os municipais. De resultados encontrados, observamos que as vítimas geralmente eram mulheres brancas, solteiras, sem faixa etária específica, com baixa escolaridade, mães, com vínculos próximos aos agressores e residentes em áreas de vulnerabilidade social. Quanto aos agressores, eram homens mais velhos, com pouca escolaridade, solteiros, munidos de revólver, faca ou objeto asfixiante, motivados por razões fúteis, não aceitação do término, ou motivos desconhecidos. Assim, a partir da elucidação do perfil das vítimas e dos assassinos, esse estudo espera contribuir para uma compreensão do fenômeno em nível local e, abrir caminho para futuras pesquisas que busquem ampliar a análise considerando a relação entre os dados levantados e a realidade nacional.

Palavras-chave: Feminicídio; Violência; Perfil das vítimas; Perfil dos assassinos.

Resumen: Los feminicidios han aumentado a lo largo de los años, representando un peligro para millones de mujeres. A pesar de que se han llevado a cabo muchas investigaciones para comprender el fenómeno, pocos estudios exploran el perfil de las víctimas y, especialmente, de los perpetradores. Por lo tanto, ante un aumento excepcional en los casos de feminicidios en 2021 en el municipio de São Borja (RS), se buscó examinar el perfil de las víctimas y los agresores basándose en datos de la 1ª Delegacia de Policía Civil del municipio. Se utilizó el método bibliográfico y el estudio comparativo, con el objetivo de encontrar regularidades entre los datos nacionales y los municipales. De los resultados encontrados, observamos que las víctimas generalmente eran mujeres blancas, solteras, sin una franja etaria específica, con baja escolaridad, madres, con vínculos cercanos a los agresores y residentes en áreas de vulnerabilidad social. En cuanto a los agresores, eran hombres mayores, con poca escolaridad, solteros, armados con revólver, cuchillo u objeto asfixiante, motivados por razones fútiles, la no aceptación del fin de la relación o los motivos desconocidos. Por lo tanto, a partir de la elucidación del perfil de las víctimas y los agresores, este estudio espera contribuir a la comprensión del fenómeno a nivel local y abrir el camino para futuras investigaciones que busquen ampliar el análisis considerando la relación entre los datos recopilados y la realidad nacional.

Palabras-chaves: Feminicidio; Violencia; Perfil de las víctimas; Perfil de los asesinos.

¹ Aluno da Universidade Federal do Pampa. E-mail: maikemendes.aluno@unipampa.edu.br

² Professora do Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Pampa. E-mail: jaquelinequadrado@unipampa.edu.br

INTRODUÇÃO

Desde a promulgação da Lei n.º 13.104/2015, a qual prevê o feminicídio como homicídio qualificado e crime hediondo, os números de assassinatos de mulheres em razão de sua condição de sexo feminino vem aumentando ano após ano (FBSP, 2021). Esse aumento teve seu pico durante o período pandêmico, onde em 2020 foram registrados 1.354 casos de feminicídio no país. Além do feminicídio, os demais indicadores de violência contra a mulher durante esse período merecem atenção devido às suas oscilações, como o estupro, ameaça e lesão corporal.

O Anuário Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2020-2021) e o Atlas da Violência (IPEA, 2020-2021) indicaram um aumento nos números de feminicídios durante os anos de 2020 e 2021 em comparação a 2019 - ano em que as taxas já haviam aumentando em relação a 2018. Esse aumento se refletiu no acentuamento desse fenômeno em cidades menores. Esse é o caso do município de São Borja, localizado na fronteira oeste do Rio Grande do Sul, cidade gêmea com Santo Tomé, na Argentina. Em 2021, o município registrou uma das maiores taxas proporcionais de feminicídio do país, com 4 vítimas para uma população de 30.467 (2022) mulheres.

Os dados acerca da violência contra a mulher durante os primeiros dois anos de pandemia indicam que a violência se concentrou dentro dos lares, ou seja, revelam uma intensificação da violência doméstica (FBSP, 2021). Contudo, uma série de indicadores apresentaram queda durante o período, como os casos de estupro, lesão corporal e assédio. Em São Borja, os dados seguiram parcialmente o cenário encontrado nacionalmente, com diversos indicadores registrando declínio.

Para que se possa compreender a violência contra a mulher, sobretudo nos casos de feminicídio, compreende-se que apenas os aspectos quantitativos não respondem às questões que o problema suscita, sendo necessário lançar luz sob o perfil das vítimas. Conhecer quem são essas mulheres, o recorte de cor, idade, escolaridade, estado civil, etc., é de suma importância para identificar certas regularidades, que nos permitem fazer reflexões do porquê tal perfil de vítima é mais suscetível a sofrer com a violência. Nesse sentido, a fim de aprimorar a investigação, é necessário ampliar essas informações para abranger o perfil dos perpetradores do feminicídio e relação deles com as vítimas, visto que isso possibilita uma visão mais completa da estrutura dos casos.

Assim, com base nos levantamentos feitos pelo Anuário Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2021; 2022), o presente artigo objetiva verificar os indicadores sobre o feminicídio, sobretudo nos anos de 2020 e 2021. Além disso, baseado em uma busca mais detalhada sobre o perfil das vítimas e dos agressores, visa elucidar e comparar a composição dos casos de feminicídio no município com os dados nacionais, tendo em vista encontrar regularidades nos casos. Dessa forma, a partir da metodologia bibliográfica e do método comparativo (FACHIN, 2001), a presente pesquisa, com base no contexto nacional da violência contra a mulher no período delimitado, procura discernir os fatores por trás dos casos de feminicídio em São Borja.

PANORAMA DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO MUNICÍPIO (2019-2021)

São Borja é um município do Rio Grande do Sul, localizado na fronteira oeste, fazendo divisa com Santo Tomé, na Argentina. Segundo o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022), o município possui uma população de 59.676 mil habitantes, com uma densidade demográfica de 16,5 hab./km². A população é composta por 30.467 mulheres (51,1%), e 29. 209 homens (48,9%), seguindo a tendência da média nacional. A idade média do são-borjense (gentílico) é de 38 anos, sendo ligeiramente superior à média nacional de 35 anos. Além disso, a população é predominantemente autodeclarada branca (76,3%), sendo 19,6% parda, 3,9% preta, 0,7% amarela, e 0,3% indígena. Portanto, esse é o panorama demográfico do município.

Quando analisamos os indicadores de violência contra a mulher em São Borja - disponibilizados pelo site da Secretaria de Segurança Pública do Rio Grande do Sul-, os quais são representados por feminicídio tentado, feminicídio consumado, ameaça, estupro e lesão corporal, observamos certa regularidade com o passar dos anos. Se fizermos o recorte temporal de 2019 a 2021, isto é, um intervalo de tempo que abrange o período anterior e o durante a pandemia, os dados mantêm-se estáveis, com grande parte dos indicadores apresentando apenas uma leve queda durante os dois primeiros anos de pandemia, uma variação ainda dentro dos padrões. Contudo, há um indicador que apresentou uma alta excepcional em 2021, justamente aquele que é o caso mais extremo de violência contra a mulher, o feminicídio.

Além desse indicador, no município, os demais dados sofreram quedas pouco expressivas, com exceção dos casos de estupro, que tiveram uma alta de 8 para 11 casos, indo na contramão do cenário nacional, que teve uma queda de 14,1% (FBSP, 2021). Quando

chegamos ao indicador de feminicídio consumado e feminicídio tentado, em 2020 não houve nenhum consumado, e apenas uma tentativa de feminicídio. Portanto, 2020 foi um ano onde os indicadores se comportaram de maneira positiva, com quase todos os indicadores sofrendo queda, tanto no Brasil quanto no município.

Em 2021, com o isolamento social e as demais medidas de restrição sanitária se fixando como a nova realidade, os indicadores tiveram algumas variações. O indicador de lesão corporal apresentou uma queda de 12%, os estupros voltaram ao patamar de 2019 com 8 casos, e os indicadores mais expressivos, feminicídio tentado e o consumado, cresceram exponencialmente. Se em 2020 não houve feminicídios consumados e apenas um tentado, em 2021 o cenário inverteu-se completamente, com 4 mulheres vítimas de feminicídio, e 2 vítimas de tentativa de feminicídio, os maiores números registrados desde o início da série histórica. A fim de ilustrar, quando convertemos esse número para 100 mil habitantes, a taxa de feminicídio fica em 13,1 mulheres assassinadas a cada 100.000 habitantes mulheres, sendo que em 2021 a média brasileira ficou em 1,22 mortes para cada 100.000 habitantes do sexo feminino (FBSP, 2022).

Logo nas primeiras horas do ano de 2021, em São Borja, duas mulheres foram vítimas de feminicídio. O assassino foi um sargento aposentado da Brigada Militar de Ijuí (RS), que atuava como pastor evangélico, sendo marido de uma das vítimas e vizinho da outra (REDAÇÃO BRASIL DE FATO, 2021). Outro caso aconteceu também no primeiro mês do ano, no qual uma mulher foi esfaqueada pelo ex -marido. O quarto caso ocorreu em fevereiro, onde uma mulher foi encontrada morta em meio a um matagal. Se com base nessas informações podemos inferir algumas reflexões acerca do quantitativo muito acima do padrão, ao ampliar os dados para o perfil dos envolvidos pode-se compreender o fenômeno a partir de outras perspectivas. Conforme Souza e Farias (2022, p.227), “conhecer as particularidades desse fenômeno, incluindo as características dos indivíduos envolvidos, bem como os agentes desencadeantes, é indispensável para o desenvolvimento de ações eficazes de prevenção e de assistência às vítimas”, e foi justamente o que buscamos trazer neste artigo.

A FACE INVISÍVEL DO FEMINICÍDIO: CONHECENDO O PERFIL DAS VÍTIMAS E DOS ASSASSINOS

A fim de obter dados mais precisos dos casos, foi solicitado à 1ª Delegacia de Polícia Civil uma série de informações sobre as vítimas e os assassinos, mediante a elaboração de um

termo de confidencialidade que nos permite apresentar os dados com a responsabilidade de preservar o anonimato dos envolvidos nos casos. Assim, após uma reunião com a inspetora Angélica Pires, foram solicitados os seguintes dados acerca das vítimas: “idade, raça/cor, naturalidade, estado civil, escolaridade, bairro de residência, número de filhos, vínculo com o agressor, já havia efetuado denúncia contra o agressor?”. Da mesma forma, foram solicitados praticamente os mesmos dados sobre os agressores, com a adição de algumas informações, como: profissão, bairro do crime, número de vítimas, arma utilizada, e motivação do crime.

Os dados nos deram a possibilidade de compreender cada caso, e traçar o quadro comparativo com o panorama nacional. Tendo em vista a confidencialidade dos dados, os nomes não foram informados, sendo escolhida a apresentação como “vítima 1, vítima 2...”. Dessa forma, os dados revelaram o seguinte cenário:

TABELA 1 – PERFIL DAS VÍTIMAS DE FEMINICÍDIO EM SÃO BORJA.

Perfil das vítimas	Vítima 1	Vítima 2	Vítima 3	Vítima 4
Idade	40 anos	25 anos	46 anos	19 anos
Raça/Cor	Preta	Branca	Branca	Branca
Naturalidade	Sobradinho	São Borja	São Borja	São Borja
Estado civil	Casada	Solteira	Solteira	Solteira
Escolaridade	Ensino Fundamental	Não Informado	Ensino Fundamental	Ensino fundamental incompleto
Bairro de residência	Arneldo Matter	Pirahy	Bettim	Vila Umbu
Número de filhos	5 filhos (a)	3 filhos (a)	2 filhos (a)	1 filhos (a)
Vínculo com o agressor	Esposa	Amiga	Ex-companheira	Ficante/relacionamento casual
Já havia efetuado denúncia contra o agressor?	Não	Não	Não	Não

Fonte: Elaboração própria com base nos dados obtidos através da 1ª Delegacia de Polícia Civil, 2023.

Apesar de ser um grupo pequeno, o que dificulta a produção de generalizações, nos apoiaremos nos dados ao nível nacional. Isto posto, observamos que as vítimas, com idades entre 19 e 46 anos, nos revelam que as mulheres estão expostas ao feminicídio ao longo de toda a sua vida, independentemente da sua faixa etária. O mesmo é observado em escala nacional, onde a distribuição de vítimas por idade se dá de forma bastante igualitária, “com prevalência das mortes ao longo de sua vida reprodutiva” (FBSP, 2022, p.172).

Por outro lado, os dados sobre a raça/cor das vítimas não se relacionam com o âmbito nacional, sendo que 3 das 4 vítimas se autodeclaravam brancas, enquanto no país, 62% das vítimas são mulheres negras. Contudo, esse dado faz sentido se levarmos em consideração que 76% da população são-borjense se autodeclara branca, o que coincide de maneira quase exata com a porcentagem de vítimas da cor branca no município (75%).

Quando analisamos o estado civil das vítimas de feminicídio, verificamos a prevalência de mulheres solteiras, o que à primeira vista parece destoar dos dados do FBSP (2023), que indica maior vulnerabilidade a violência entre mulheres separadas e divorciadas. Porém, quando observamos a relação das vítimas com o agressor, o que se identifica é que todas tinham ligação com o feminicida, seja como esposa, ex companheira, amiga ou relação casual. Os dados do FBSP (2021) indicam que 81,5% dos feminicídios foram cometidos por companheiros e ex-companheiros, o que coincide com os dados de São Borja, onde 3 das 4 vítimas tinham ou já haviam sido companheira do assassino, sendo que a única vítima que nunca teve relações amorosas com o feminicida (vizinha) foi assassinada com a companheira de um dos assassinos.

Acerca da escolaridade, os dados revelaram uma conexão expressiva entre o feminicídio e a baixa escolaridade. Das 3 vítimas que obtivemos os dados de escolaridade, todas tinham baixos níveis de escolaridade, sendo que nenhuma delas havia chegado ao menos ao ensino médio. Infelizmente poucos estudos se propuseram a explorar o fator escolaridade em relação ao feminicídio, e aqueles que o fizeram (BATISTA; JUNIOR; MUSSE, 2019), argumentaram que quanto maior o acesso à informação, mais oportunidades de emprego, e uma condição econômica melhor, o que contribui para a redução dos casos de feminicídio. A pesquisa “Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil” (FBSP, 2023, p. 18) revelou que acerca da violência cometida por parceiros íntimos “são as mulheres apenas com ensino fundamental as mais vulneráveis”.

Outro dado chocante a ser analisado no perfil das vítimas é o fato de todas possuírem filhos (a), indo de 1 até 5 filhos. Infelizmente não há dados precisos em âmbito nacional sobre a relação entre mães e feminicídios. Mas temos pesquisas demonstrando uma alta prevalência de violência doméstica com mulheres mães. Como o balanço anual do ligue 180 (2016) -não há um balanço mais recente-, no qual é revelado que 78,25% das mulheres vítimas de violência doméstica são mães. Infelizmente não obtivemos dados da 1ª Delegacia de Polícia Civil sobre se os filhos das vítimas eram com os próprios assassinos, mas com base em notícias veiculadas em jornais locais, ao menos duas vítimas tinham filhos(a) com o assassino.

Quando analisamos os dados de feminicídio de São Borja há de se considerar que para além de 4 mães assassinadas, são 11 filhos (a) órfãos. Em um dos casos, a vítima possuía uma filha com o assassino, essa mesma filha presenciou o assassinato da mãe, que ‘foi esfaqueada e largada agonizando em seus braços’ (O SUL, 2023). O impacto emocional da perda de uma mãe para um crime tão hediondo como o feminicídio é imensurável, sobretudo quando falamos de crianças, as quais o processo de perda da genitora por morte violenta torna ainda mais suscetível o desenvolvimento de traumas (RASCOVSKI, 2023).

A localidade de residência das vítimas também se torna um fator relevante quando observamos que todas se encontram em regiões de maior vulnerabilidade social, com todos os fatores que isso implica: baixa infraestrutura, falta de segurança, maior exposição à criminalidade, etc. Assim, conforme argumenta Meneghel e Portela (2017), os crimes de feminicídio, em geral, acontecem em espaços urbanos onde o Estado não garante segurança aos moradores, e as condições de vida são degradadas.

Por fim, temos os dados referente às denúncias, ao qual foi constatado que nenhuma mulher havia feito denúncia contra o assassino. Esse é um dado significativo, uma vez que as razões vão desde a dificuldade e o medo de denunciar até a própria imprevisibilidade do caso. Ferreira e Moraes (2020) destacam que ao pensar em efetuar uma denúncia, a mulher muitas vezes reflete nas suas consequências, como o medo de uma possível retaliação por parte do agressor, ou então de não se sentirem amparadas pelo Estado, acabam por preferir silenciar-se. Além disso, a mulher muitas vezes não reconhece o cenário de violência que está vivenciando. Nesses casos de São Borja, infelizmente não temos informações o suficiente para inferir uma causalidade, mas os dados sobre o perfil dos agressores podem contribuir para compreendermos melhor os porquês desse silenciamento.

Se os dados do perfil das mulheres nos trouxeram inúmeros cenários e perfis predominantes das vítimas, os dados sobre os feminicidas ajudará a elucidar a composição dos casos. Mas, antes de prosseguir, é importante ressaltar que existem poucos dados disponíveis sobre o perfil dos feminicidas no Brasil. Esse fator dificulta a comparação do contexto local com o nacional. Nesse sentido, um estudo localizado no Distrito Federal (DF) -produzido pelo jornal Metrôpoles- se propôs a monitorar por um ano os casos de feminicídio na capital, com o objetivo de apresentar o perfil das vítimas e dos assassinos. O estudo revelou que a média de idade dos assassinos era 40,4 anos. No caso de São Borja, os assassinos tinham uma média de

idade de 45,6 anos. A idade dos feminicidas variou de 35 a 58 anos, uma faixa etária mais elevada que a encontrada entre as vítimas.

Em relação à raça/cor do assassino, o que foi revelado são homens de cor branca, parda e mulato³. Observa-se uma diferença na cor das vítimas para os assassinos, enquanto as vítimas eram predominantemente mulheres brancas, os homens são pardo e 'mulato'. Porém, esse dado carece de elementos para traçar qualquer relação entre a cor e o fato de ser um assassino.

O estado civil dos assassinos foi caracterizado por dois homens solteiros e um casado. Assim, com base nos dados recebidos e pelas notícias veiculadas em jornais locais, um assassino matou a esposa e a vizinha, outro matou a ex-companheira, e o último matou uma mulher de 19 anos com quem estava se relacionando. Dessa forma, em geral, é alguém que mantém relações próximas com a vítima.

Isso nos leva a motivação e a arma utilizada para realizar o crime. O primeiro caso, o feminicida, um policial militar aposentado, na madrugada do dia 1º de janeiro assassinou a tiros de revólver a esposa e sua vizinha por motivo fútil⁴. No segundo caso, um homem de 44 anos assassinou a ex-companheira a facadas, em razão de não aceitar o término do relacionamento. E no último, um homem de 35 anos esganou com um pedaço de pano a mulher com quem mantinha um relacionamento casual; os motivos do assassinato seguem desconhecidos. Assim, observa-se que em dois casos foi utilizado armas brancas, sendo esse o principal tipo de armamento utilizado, a maioria dos casos são cometidos com esse tipo de arma (55,1%) (FBSP, 2021).

O último dado a ser analisado é sobre o grau de escolaridade dos feminicidas. Conforme se constatou, os feminicidas possuem níveis de escolaridade quase tão baixos quanto das vítimas, sendo um com ensino médio, outro com fundamental, e um com ensino fundamental incompleto. Ainda que não haja estudos aprofundados relacionando o grau de escolaridade ao feminicídio, percebe-se que o baixo nível de escolaridade está presente tanto nas vítimas quanto nos assassinos.

³ O termo mulato é o que nos foi repassado pela 1ª Delegacia de Polícia Civil, sendo decidido o mantimento do termo tendo em vista o risco de colocá-lo em um grupo ao qual não pertence. Porém, acreditamos que o mulato varia entre o preto e o pardo, sendo a autodeclaração do indivíduo a única forma de definir ao certo a cor exata.

⁴ Motivo fútil refere-se a um motivo banal, insignificante ou desproporcional à gravidade do ato cometido. Ou seja, trata-se de um motivo que não justifica a intensidade da reação violenta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados levantados pela presente pesquisa, pode-se ampliar a compreensão dos casos de feminicídio no município, tendo em vista o delineamento do perfil das vítimas e dos assassinos. Essa construção evidenciou diversas características comuns entre as vítimas, como a predominância de mulheres brancas, mães, solteiras, com baixa escolaridade, residente de regiões periféricas, além de possuírem relações próximas com o feminicida. Os assassinos, por sua vez, eram homens adultos, com baixa escolaridade, munidos principalmente de armas brancas, além de um histórico amoroso com a vítima.

Esses dados coincidem diretamente com os dados sobre violência contra a mulher a nível nacional, a não ser pela cor predominante entre as vítimas, que no Brasil em sua maioria são mulheres pretas. Isso demonstra como esse é um problema estrutural do país, onde se observam cenários parecidos em localidades distintas.

Destacamos a falta de levantamento de dados acerca do perfil dos assassinos no Brasil, sendo que os principais estudos, como o Anuário Brasileiro de Segurança Pública e o Atlas da Violência, focalizam exclusivamente nas vítimas. Assim, esse desconhecimento sobre as características dos feminicídio dificulta uma melhor compreensão do fenômeno, tendo em vista que pouco se sabe sobre aquele que efetuou o crime. Portanto, saber quem são essas pessoas podem evidenciar aspectos até então desconhecidos, e partir disso alcançar novas perspectivas do feminicídio.

Contudo, não intencionamos resolver essas questões no presente estudo, nem mesmo produzir reflexões acerca do porquê tal perfil está mais propenso a ser assassinado, ou a assassinar. Nosso objetivo é apenas fazer esse primeiro movimento de levantamento dos perfis das vítimas e assassinos, a fim de evidenciar características comuns entre os envolvidos. Assim, o estudo abre a discussão sobre a relação entre os perfis e o feminicídio, deixando margem para futuras pesquisas explorarem os dados apresentados.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Jefferson; JÚNIOR, José; MUSSE, Juliana. **Feminicídio no nordeste brasileiro: O que revelam os dados de acesso público**. Interfaces Científicas - Saúde e Ambiente, Aracaju, v .7, n. 3, p. 61 - 74, abr.2019. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/saude/article/view/6591> . Acesso em: 27 fev. 2024.

BRASIL. **Lei n.º 13.104, de 09 de março de 2015**. Altera o art. 121 do Decreto-Lei n.º 2.848, de 7 de dezembro de 1940 -Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância

qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei n.º 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113104.htm . Acesso em: 15 fev. 2024.

BRASIL. Secretaria de Segurança Pública do Rio Grande do Sul. **Indicadores de Violência Contra a Mulher Geral e por Município 2020**. Ministério da Justiça e Segurança Pública, 2020. Disponível em <https://www.ssp.rs.gov.br/upload/arquivos/202307/12163332-site-violencia-contra-as-mulheres-2020-atualizado-em-05-maio-2023-publicacao.xlsx> . Acesso em: 27 jan. 2024.

BRASIL. Secretaria de Segurança Pública do Rio Grande do Sul. **Indicadores de Violência Contra a Mulher Geral e por Município 2021**. Ministério da Justiça e Segurança Pública, 2021. Disponível em <https://admin.ssp.rs.gov.br/upload/arquivos/202312/04105912-site-violencia-contra-as-mulheres-2021-atualizado-em-04-dez-2023.xlsx>. Acesso em: 27 jan. 2024.

BUENO, Samira [et al.]. **Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil**. Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 4ª ed., 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/03/visiveleinvisivel-2023-relatorio.pdf> . Acesso em: 28 fev. 2024.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia**. 5ª ed. São Paulo: Saraiva, 2006. Disponível em: <http://maratavarespsictics.pbworks.com/w/file/etch/74302802/FACHIN-Odilia-fundamentos-de-Metodologia.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2024.

FERREIRA, Icaro; MORAES, Sara. **Subnotificação e Lei Maria da Penha: o registro como instrumento para o enfrentamento dos casos de violência doméstica contra mulher considerando o anuário brasileiro de segurança pública (2019)**. O Público e o Privado, n.º 37, set/dez de 2020. Disponível em <https://revistas.uece.br/index.php/opublicoeoprivado/article/view/4108>. Acesso em 26 de fev. 2024.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **16º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2022. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/06/anuario-2022.pdf?v=5>. Acesso em: 08 fev. 2024.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **15º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2021. Disponível em <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/07/anuario-2021-completo-v4-bx.pdf>. Acesso em: 09 fev. 2024.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **14º Anuário brasileiro de segurança pública**. São Paulo: 2020. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/10/anuario-14-2020-v1-interativo.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2024.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2022**. Rio de Janeiro, IBGE, 2022. Disponível em:

<https://censo2022.ibge.gov.br/apps/pgi/#/mapa/share=WyJvc20iLDQuMzEwMzg5MDk4NDg0MjM2LFstNjA1MTE3My4yODI4MDAwNjksLTE2MDQyODYuMTM4MjU2ODA2XSxbWyJuYXQiLDDEwMix0cnVILDEsMCwwXV1d%2F%2F>. Acesso em: 20 de fev. 2024.

MENEGHEL, Stela; PORTELLA, Ana. Femicídios: conceitos, tipos e cenários. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 22, n. 9, p. 3077-3086 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/SxDFyB4bPnxQGpJBnq93Lhn/>. Acesso em: 02 mar. 2024.

Militar da Reserva que Matou 2 Mulheres nas Primeiras Horas ao Ano Atuava como Pastor. **Brasil de Fato**, São Paulo, 04 de jan. de 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/01/04/militar-da-reserva-que-matou-2-mulheres-nas-primeiras-horas-do-ano-atuava-como-pastor>. Acesso em: 22 fev. 2024.

RASCOVSKI, Luiz. Luto de órfãos do feminicídio: compreensão do fenômeno e formas de cuidar. **Revista de Vitimologia e Justiça Restaurativa**, Ano I, v. II - jul. 2023. Disponível em: <https://revista.provitima.org/ojs/index.php/rpv/article/view/45/35>. Acesso em: 01 mar. 2024.

Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres. **Ligue 180: balanço anual 2016: relatório de atividades**. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/ligue-180/balanco-ligue-180-2016.pdf>. 29 de fev. 2024. Acesso em: 23 fev. 2024

SOUZA, Lídia; FARIAS, Rita. Violência doméstica no contexto de isolamento social pela pandemia de covid-19. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 144, p. 213-232, maio/set. 2022. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/RWf4PKDthNRvWg89y947zgw/#>. Acesso em: 26 fev. 2024.